

## **“Se o açaí for plantado pelo sabiá ou bem-te-vi, tem mais qualidade”: experiência agroecológica em um curso de Especialização em Cametá-PA, Baixo Tocantins**

*“If açai is planted by sabiás or bem-te-vis, it has a higher quality”:  
agroecological experience in a Specialization course in Cametá-PA, Baixo  
Tocantins.*

Jakson da Silva Gonçalves<sup>1</sup>; Gisele do Socorro dos Santos Pompeu<sup>2</sup>; Hellen do Socorro de Araújo Silva<sup>3</sup>; Edivandro Ferreira Machado<sup>4</sup>; Valcilene Rodrigues da Silva<sup>5</sup>

<sup>1</sup>; <sup>2</sup>; <sup>3</sup>Universidade Federal do Pará

### **Resumo**

O presente texto tem como objetivo compartilhar a práxis educativa da relação Educação e Agroecologia vivenciada na Especialização em Práticas Pedagógicas na Educação do Campo, na Universidade Federal do Pará, Campus do Tocantins-Cametá. Procura-se descrever duas atividades realizadas, a árvore do conhecimento e uma aula de campo, momento em que os estudantes refletiram a metáfora da árvore e seu significado epistemológico no processo de luta e organização dos movimentos; da educação do campo e da agroecologia. Na aula de campo, com uma turma de 30 alunos, foi a oportunidade de vivenciar a materialidade da agroecologia em uma propriedade localizada em um território de Várzea as margens do Rio Tocantins na comunidade Guajará de Baixo, município de Cametá-PA. A metodologia de abordagem qualitativa prima pelas descrições e reflexões analíticas das duas atividades selecionadas nesta análise. Transcorre-se por meandros discursivos sobre o homogêneo edisciplinar conhecimento científico, sobre projetos pensados para a Amazônia, de cima para baixo, e, claro, sobre os conhecimentos tradicionais, que resistem às diferentes formas de colonialidades e violências no campo. Questiona-se que a escola precisa se reinventar para assumir seu papel político de emancipação, para que possa atender aos interesses dos seus sujeitos e reafirmar seus saberes enquanto instrumentos elementares na construção alternativa de desenvolvimento. Acredita-se que é possível uma educação do campo imersa no campo, pensada a partir do campo e que envolva os sujeitos, seus territórios e suas territorialidades e que não se distancie da agroecologia.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Agroecologia, Educação Formal, Resistências.

### **Abstract**

The present text aims to share the educational praxis of the relationship between Education and Agroecology experienced in the Specialization in Pedagogical Practices in Rural Education, at the Federal University of Pará, Tocantins-Cametá Campus. It seeks to describe two activities carried out, the knowledge tree and a field class, during which the students reflected on the tree metaphor and its epistemological meaning in the process of fighting and coordination of the movements; rural education and agroecology. In the field class there was an opportunity to experience the materiality of agroecology in a property located in a floodplain territory, along the Tocantins Tiver, at the Guajará de Baixo Community, Cametá-PA municipality. The qualitative approach methodology aims to provide descriptions and analytical reflections of both activities selected in this analysis, which were experienced by a class of 30 students. It goes through discursive intricacies about the homogeneous and disciplinary scientific knowledge, about projects idealized for the Amazon, top-down, and, of course, about the traditional knowledge, that resists to the various forms of colonialism and countryside violence. It is questioned that the school needs to reinvent itself in order to take on its political role of emancipation, so it can meet the interests of its subjects and reaffirm its knowledge as

elementary instruments in the alternative construction of development. It is believed that it is possible for a countryside education to be immersed in the countryside, thought by the countryside and to involve the subjects, their territories and territorialities, without straying away from agroecology.

**Keywords:** Countryside education, Agroecology, Formal education, Resistances

## **Introdução**

Este texto é resultado da experiência de educação formal vivenciada na Universidade Federal do Pará, Campus do Tocantins-Cametá. Foi construído na interlocução com a agroecologia a partir da disciplina intitulada “Educação e Agroecologia”, vinculada como componente curricular no curso de Especialização em Práticas Pedagógicas na Educação do Campo, ano de 2021.

Esta disciplina surge como uma demanda a partir da avaliação dos estudantes e discentes da primeira turma (2019), por identificarem a necessidade de relacionar a educação do campo ao movimento e a concepção da agroecologia, principalmente nas práticas educativas da educação básica. A disciplina, em seu sentido ampliado, procurou abordar os processos educativos na dialogicidade com a educação e escola do campo, sistemas sustentáveis de produção sob a matriz epistemológica da Agroecologia, com a inter-relação entre o Bem Viver e os conhecimentos científicos e tradicionais.

Neste relato, fazemos uma articulação das discussões e sala de aula com a experiência de campo vivenciada na várzea, às margens do Rio Tocantins. A turma foi composta de 30 alunos, com uma diversidade formativa, profissional e com uma vasta relação com os movimentos sociais e sindicais, que em muito só enriqueceram a práxis pedagógica neste curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*. Em meio ao trabalho de campo foram coletados alguns depoimentos dos agricultores, dos quais se destacam trechos de fala de Adésio e Jaqueline, os quais autorizaram o uso de seus nomes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **Descrição e reflexão sobre a experiência**

A experiência ora apresentada trata de dois momentos vivenciados na referida disciplina, em 45 horas, as discussões em sala e o “Trabalho de Campo”. A disciplina foi trabalhada por uma professora Engenheira Florestal e por uma Pedagoga, ambas vinculadas a Faculdade de Educação do Campo.

A turma teve composição multidisciplinar, inclusive estudantes oriundos da Licenciatura em Etnodesenvolvimento, Licenciatura em Educação do Campo, Geografia das Águas, dos Campos e das Florestas vinculada ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) entre outras graduações (Figura 1). O relato se dará integrando temas

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 – Anais do III SNEA, v. 18, n. 1, 2023

transversais como: saberes tradicionais; educação do campo; soberania e segurança alimentar e tradicional; agrobiodiversidade; e articulação em rede.

**Figuras 1, 2 e 3:** 1) Turma da EPPEC 2021 no fim da atividade; 2) Árvore do conhecimento no contexto da educação do campo; 3) Visita na floresta com os agricultores.



Fonte: EPPEC 2021 (2022).

Abrindo o debate epistemológico, com o cronograma da disciplina, foi construído o que as professoras nominaram de “árvore do conhecimento” no contexto da educação do campo na interlocução com a agroecologia (Figura 2). Essa árvore, com suas diferentes partes, foi montada aos poucos e cada parte foi dado um significado, muito relacionado com questões culturais, ambientais, sociais, políticas e/ou educacionais, acompanhado de uma discussão para problematizar e refletir questões acerca da educação do campo e da agroecologia.

Nesse contexto, a raiz central representa a sabedoria, que é alimentada pelos saberes tradicionais, que por meio da oralidade dos sujeitos, reflete a riqueza de sua ancestralidade, religiosidade e territorialidade. O tronco, por sua vez, engloba organizações e instituições parceiras, como as de ensino superior, a educação formal, o movimento social e suas místicas, que se alimentam na sabedoria popular e dão sustentação e reconhecimento político. A copa da árvore expressa os seus frutos e representa as políticas públicas, as identidades e os seus direitos.

Consequente, o debate ocorreu com o estudo do histórico, princípios e dimensões da Agroecologia. Seguiu-se também, com o estudo da trajetória enquanto movimento político e social dos movimentos da Agroecologia e da Educação do Campo, com o texto de Ferrari e Oliveira (2019), no qual os autores destacam a necessidade de ambos os movimentos estarem conectados, visto que possuem trajetórias semelhantes e têm como base a luta do/no Campo. Foi possível perceber similaridades no que diz respeito à luta contra-hegemônica com pano de

fundo à questão agrária brasileira que, sob o discurso de “desenvolvimento” e da “racionalidade”, avança sobre territórios desconsiderando os saberes e concepções dos sujeitos.

Por sua vez, discutir a Práxis da Ecologia de Saberes, ancorada em Paulo Freire, com o texto de autoria de Carneiro, Krefta e Folgado (2014), nos fez refletir acerca dos diversos conhecimentos como força e potência dos oprimidos. Do mesmo modo, refletimos a forma como a ciência tem chegado às escolas, entrando na disputa assimétrica com os saberes comunitários, se apresentando como saber homogêneo e sólido, quando, na verdade, ela, desde os métodos até os impactos políticos e interesses de suas conclusões é diversa.

O segundo momento da experiência fazemos referência ao “Trabalho de Campo”, na ocasião a turma visitou duas propriedades em que as famílias manejam Agroflorestas de Várzea, na comunidade insular de Guajará de Baixo, Baixo Tocantins, a do jovem Erick, mais alagadiça, e a do casal Adésio e Jaqueline, com trechos de terra firme (Figura 3).

Apesar da diversidade, a conversa em campo foi centrada na cultura do açaí, visto que atualmente é a espécie mais importante sob o ponto de vista econômico e culturalmente de segurança alimentar. A experiência será exposta aqui de forma condensada, com destaque para as práticas e saberes relatados pelos agricultores, bem como a definição do termo “açaí de qualidade”, fazendo referência aos açaizais com e sem manejo.

Devido à alta incidência natural do açaizeiro (*Euterpe oleraceae* Mart.), as agroflorestas locais são chamadas pelos ribeirinhos de “açaizais” (DUBOIS, 2013), as quais incorporam diferentes estratégias de manejo (POMPEU et al., 2021). Essa diversidade serve como suporte socioeconômico importante na região amazônica.

Além dos açaizeiros, desatacam-se nas propriedades as espécies arbóreas andiroba (*Carapa guianensis* Aubl.), seringueira (*Hevea brasiliensis* L.), pracuuba (*Mora paraensis* Ducke.), ingazeiro (*Inga edulis*), miritizeiro (*Mauritia flexuosa* Mart.), jupatizeiro (*Raphia taedigera* Mart.), ananizeiro (*Symphonia globulifera* L. f.), ucuubeira (*Virola surinamensis* Rol.), mamorana (*Pachira aquatica* Aublet.), entre outras. Na área menos alagadiça, também foi relatado a presença das espécies agrícolas banana (*Musa* sp.), umari (*Geoffroea spinosa* Jacq.), cacau (*Theobroma cacao* L.) e mututi (*Pterocarpus rohrii* Vahl.).

Tivemos como questão inicial de fala dos agricultores, os cursos de manejo de açaizais que chegam até eles, alguns ofertados pelas próprias empresas compradoras de açaí, para que possam “comprar um açaí de mais qualidade”. Com isso, de um açaizal manejado, espera-se um número certo de açaí por touceira, uma vez que o manejo dos açaizais objetiva potencializar os açaizeiros por meio da remoção das palmeiras velhas, defeituosas e improdutivas, e da retirada de espécies outras espécies arbóreas, sobretudo aquelas que, na percepção dos

extensionistas, levam ao aumento da competição por água, nutrientes, e luz solar, ao passo que se vislumbra maior produção do açaí.

Entretanto, foi pontuado que essa diminuição da diversidade vegetal provoca o ressecamento e diminuição na fertilidade do solo, conseqüentemente do fruto do açaí, que acaba se fixando com menos força ao cacho, e, por conseguinte, desprende-se com maior facilidade, como se observa no depoimento: “Nas áreas de plantio diversificada e na capoeira, o açaí segura mais no cacho, na área desmatada ele logo seca e cai” (Adésio-Agricultor, comunidade Guajará de Baixo, Cametá, Pará, 9 de julho de 2022).

As mesmas conseqüências foram apontadas quando há a retirada de açaizeiros antigos da touceira, sobretudo para atender a quantidade definida nos cursos. Além disso, os agricultores relataram que, nas suas percepções, esse processo de potencialização dos açaizeiros tem ocasionado um açaí de uma “qualidade menor”.

Outro aspecto destacado, mesmo que não tenha sido apresentado como um problema foi o aparecimento de lagartas nas folhas de alguns açaizeiros. Os agricultores dizem desconhecer tal infestação em açazais de ocorrência natural, logo, não manejados. Frisaram ainda que, uma vez presente, as lagartas são controladas por uma espécie de controle biológico, pois grupos de anum (aves da família Cuculidae) frequentemente controlam a situação, ao se alimentarem desses herbívoros. Em vista disso, os agricultores optam por fazer um manejo “mais leve”.

Alguns agricultores têm áreas bem definidas entre o açazal manejado e o não manejado, pois assim, além da produção comercializada, garantem uma produção para o autoconsumo, sendo que esta última advém majoritariamente dos açazais naturais, pois, como já esclarecido, apresentam um açaí com qualidade melhor, quando em comparação com o que é extraído nos açazais manejados. Assim, “se o açaí for plantado pelo sabiá ou bentivi tem mais qualidade. Eles escolhem os melhores e mais saudáveis [...]”. O morador acrescentou que quando quer açaí “do bom”, ele manda “pegar lá” (Adésio-Agricultor, comunidade Guajará de Baixo, Cametá, Pará, 9 de julho de 2022).

Há algo que se sobressai nas falas dos agricultores, um notório orgulho, quando falam que os açazais plantados são compostos por açaizeiros oriundos da própria ilha. A presença de variedades como BRS<sup>1</sup> e BRS Pai d'Égua<sup>2</sup> é destacada, mas com ressalvas. Em vista disso, o caroço menor, maior quantidade de massa e um sabor mais adocicado são algumas

---

<sup>1</sup> A cultivar de açaizeiro “BRS Pará” foi lançada em 2005 pela Embrapa Amazônia Oriental, resultado de décadas de pesquisas envolvendo genética e melhoramento de açaí.

<sup>2</sup> Em 2019, a Embrapa Amazônia Oriental lançou a cultivar BRS Pai d'Égua, com a promessa de garantir uma produção de açaí o ano todo.

características positivas pontuadas quando fazem uma comparação com o açaí nativo. Por isso, os agricultores avaliam o açaí nativo como tendo maior rendimento e “melhor qualidade”. Nesse contexto, o fator diversidade aparece como elemento importante para a produção de um açaí de qualidade.

Em maior ou menor quantidade, há produção de açaí durante todo o ano. Com isso, em relação aos períodos de produção, a safra é mais concentrada nos meses de agosto a setembro, porém o açaizal como um todo produz o ano todo. As diferenças na produção do fruto repousam na idade das palmeiras, salientaram os agricultores. Assim, as palmeiras mais velhas são restritas à safra, enquanto as mais novas, não.

Há um conhecimento ecológico muito relacionado com o território; os agricultores *leem* o ambiente circundante, adaptam-se a ele, percebem as mudanças e transformações sociopolíticas e ambientais, não estão fechados aos conhecimentos e tecnologias que estão para além de seus territórios, e, acima de tudo, não há um recebimento passivo do conhecimento técnico que chega por meio dos cursos, como já pontuado.

Nesse sentido, a ciência positivista, que muitas vezes se impõe em condições de racismo, encontra resistência, assim como a lógica propriamente comercial. Nas definições de açaizais manejados e não manejados, é evidente a resistência do agricultor ao conhecimento que chega e se sobressai o conhecimento que é domínio próprio ou comunitário. Se por um lado ele adere ou precisa aderir ao comércio, por outro, ele resiste com a manutenção de seus conhecimentos, inclusive, com a própria definição de “açaí de qualidade”, que é diferente da lógica e da ideia de qualidade que movimenta a demanda comercial.

### **Diálogos com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia**

Falar de saberes de povos e comunidades tradicionais ainda nos provoca ao que na academia podemos entender como *disciplinas de conhecimentos específicos*. Na experiência cotidiana da vida e por meio da oralidade, essas sabedorias e tradições são expressas de forma integrada, indissociada, multifacetada e, portanto, complexa e desafiadora ao conhecimento do ensino formal, que ainda é disciplinar. É essa integração que atravessa os princípios da educação em Agroecologia, conforme aqui trazidas: vida, diversidade, complexidade e transformação.

Jaqueline, moradora da comunidade, por sua vez, relata o que tem sido uma preocupação dela e das comunidades vizinhas: a construção da hidrovía Araguaia-Tocantins, pois isso terá impacto na qualidade da água, tão vital aos moradores, intermediando diferentes atividades, como a pesca, a irrigação, e a adubação dos açaizais ou SAFs. O quão serão afetadas as

dinâmicas sociais e ambientais e quais os impactos disso é uma grande preocupação aos comunitários.

Viver, ainda que seja uma expressão fisiológica individual, é precisamente um ato coletivo. Isso implica, como na floresta, em uma dinâmica constante entre diversidades, existências, perspectivas, cooperações, conflitos e resiliências. As agroflorestas em Guajará de Baixo são manejadas a partir do conhecimento dos tempos do rio, da ecologia e o conhecimento etnoecológico de espécies e variedades animais e vegetais locais, como os dispersores de sementes. A base de compreensão desses diferentes domínios formata concepções que são próprias dos moradores e que representa sua soberania tecnológica, produtiva e alimentar.

A saúde da floresta e, conseqüentemente das comunidades, está em sua diversidade. A supervalorização de uma espécie florestal em detrimento de outras, fundamento da monocultura, lhes trazem impactos negativos no solo, no clima local, na fauna e na saúde vegetal, compreensão compartilhada pelos agricultores.

Em respeito a essa soberania epistêmica de concepção da diversidade como um elemento da saúde florestal, os agricultores, ao entrarem em contato com o conhecimento de cursos técnicos, selecionam o que corresponde à sua realidade e à sua sabedoria tradicional. Não se esquecendo da imposição e da violência com que o conhecimento científico tem historicamente se colocado a esses povos e comunidades, vale destacar aqui o aspecto do “diálogo de saberes”.

A escola, com seu território curricular ancorado no seu território de pertença, precisa levar em consideração as vivências de suas comunidades. A reafirmação dessa cultura no contexto formal de ensino contribui para o respeito à cultura e a defesa de seus territórios. No relato de Jaqueline sobre a hidrovía é possível perceber que esse megaprojeto não parte da escuta deles; é um perigo latente e eminente, que indubitavelmente poderá impactar drasticamente a qualidade das águas, com imensuráveis impactos para as comunidades, seus territórios e territorialidades. É o discurso do “desenvolvimento” que, em uma completa expressão de racismo, desconsidera as epistemologias, ontologias e autodeterminação dos nossos povos.

Já assistimos o avanço do açaí geneticamente modificado para diferentes ecossistemas amazônicos, um projeto também pensado para a região amazônica, suplantando vidas, histórias, lutas, resistências, territórios e diversidades. De quando em quando surge uma nova cultivar mais adaptada ao clima amazônico, e continua alimentando esse monocultivo que se estende de forma avassaladora por sobre a floresta Amazônica, a floresta antropogênica, fruto da ação humana, maestria dos povos originários pré-colombianos (MAGALHÃES, 2016). E novos

projetos continuam sendo pensados para essa região, como destacado acima, só que de forma hierarquizada, de cima para baixo, sem diálogo com povos e comunidades locais, apenas para atender aos interesses e caprichos de outrem, já que ínfimos benefícios são efetivamente desfrutados por quem sofre com as transformações socioambientais causadas em seus territórios, quando ficam com/em seus territórios.

### Considerações finais

A experiência provocada pelo curso de Pós-Graduação *Lato sensu* nos fez compreender a riqueza e a potência do conhecimento tradicional no aspecto pedagógico para o ensino escolar e da soberania social. Essa diversidade de conhecimento ficou evidenciada para a turma que era composta por estudantes de diferentes lugares do estado do Pará e do Nordeste brasileiro, de diferentes condições biofísicas. Pudemos ter uma mostra de conhecimentos agroecológicos territorializados na várzea, na várzea do Baixo Tocantins, na ilha de Guajará de Baixo.

O desafio que se coloca, e está sendo encarado pelos currículos do ensino superior e básico, é primeiramente um desafio político, de reafirmação e visibilidade dessas perspectivas. Depois, passamos para um desafio onto-epistemológico, inter e transdisciplinar, num contexto de ciência científica que se diz neutra, mas é positivista, excludente e escrita.

Portanto, a escola, representada pela educação forma precisa se reinventar, assumir seu papel político de emancipação, atendendo aos interesses dos seus sujeitos e reafirmando seus saberes enquanto instrumentos elementares da construção alternativa de desenvolvimento, por vezes chamado de “Bem Viver”, “Saúde”, “Sossego”, “Tranquilidade”, pela academia e por nossos povos.

### Referências

DUBOIS, J. C. L. A importância de espécies perenes de valor econômico em sistemas agroflorestais. In: SILVA, I, C. **Sistemas agroflorestais: conceito e métodos**. Itabuna: SBSAF, 2013, p. 143-182.

MAGALHÃES, Marcos Pereira (Org.). **Amazônia antropogênica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016. 429 p.

FERRARI, E. A.; OLIVEIRA, M. M. de. Educação do Campo e Agroecologia: possibilidades de articulação a partir da identidade e diversidade em suas concepções e práticas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 4, p. e6701, 2019.

CARNEIRO, F. F.; KREFTA, N. M.; FOLGADO, C. A. R. A Práxis da Ecologia de Saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v.8, n.2, p. 331-338, 2014.

POMPEU, G. do S. dos S.; SANTOS V. de P. da S.; PINTO, E. da S.; RODRIGUES, R. dos P. Manejo de agroflorestas na Amazônia tocantina: percepções de famílias agricultoras para a educação agroflorestal. **Revista Brasileira de Agroecologia**,| v. 16, n. 1, p. 41. 2021.